

REFLEXÕES SOBRE O MÉTODO REGRESSIVO-PROGRESSIVO: UMA CONTRIBUIÇÃO DE HENRI LEFEBVRE À DECIFRAÇÃO DOS ESPAÇOS

Rodrigo Fernandes¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Rio de Janeiro, RJ, Brasil



Enviado em 14 jul. 2023 | Aceito em 18 ago. 2024

Resumo: Este artigo enceta, em um enquadramento geográfico, meditações sobre o método regressivo-progressivo e sua aplicação nas investigações espaciais. Para seu autor, o sociólogo francês Henri Lefebvre, o espaço não é fato dado, mas presente vivo que traz em si um passado e um devir. Assim, quem quiser analisar criticamente um espaço deve apurar os processos – o surgimento, evolução ou extinção dos elementos estruturantes – que são, enfim, o próprio espaço. Nesses trilhos, Lefebvre propõe um exercício dividido em três Momentos: “Descritivo”, “Analítico-regressivo” e “Histórico-genético”. Após essas 3 etapas seremos mais capazes de compreender melhor as complexidades do espaço sob escrutínio, tornando-o mais aberto a intervenções futuras. Como exemplo empírico do método cometemos uma breve investigação sobre o Parque do Flamengo, espaço público localizado na cidade do Rio de Janeiro (RJ).

Palavras-chave: Espaço; Henri Lefebvre; Método regressivo-progressivo.

REFLECTIONS ON THE REGRESSIVE-PROGRESSIVE METHOD: A CONTRIBUTION BY HENRI LEFEBVRE TO THE DECIPHERING OF SPACES

Abstract: This article aims, in a geographical framework, meditations on the regressive-progressive method and its application in spatial investigations. For its author, the french sociologist Henri Lefebvre, space is not a given fact, but a living present that brings with it a past and a future. Thus, anyone who wants to critically analyze a space must investigate the processes – the emergence, evolution or extinction of the structuring elements – which are, in short, the space itself. Along these lines, Lefebvre proposes an exercise divided into three Moments: “Descriptive”, “Analytic-regressive” and “Historical-genetic”. After these 3 steps we will be better able to better understand the complexities of the space under scrutiny, making it more open to future interventions. As an empirical example of the method, we carried out a brief investigation into Parque do Flamengo, a public space located in the city of Rio de Janeiro (RJ).

Keywords: Space; Henri Lefebvre; Regressive-progressive method.

REFLEXIONES SOBRE EL MÉTODO REGRESIVO-PROGRESIVO: UNA CONTRIBUCIÓN DE HENRI LEFEBVRE AL DESCIFRAMIENTO DE LOS ESPACIOS

Resumen: Este artículo inicia, en un marco geográfico, reflexiones sobre el método regresivo-progresivo y su aplicación en investigaciones espaciales. Para su autor, el sociólogo francés Henri Lefebvre, el espacio no es un hecho dado, sino un presente vivo que trae consigo un pasado y un futuro. Así, quien quiera analizar críticamente un espacio debe investigar los procesos –el surgimiento, la evolución o la extinción de los elementos estructurantes– que son, en definitiva, el espacio mismo. En esta línea, Lefebvre propone un ejercicio dividido en tres Momentos: “Descritivo”, “Analítico-regresivo” e “Histórico-genético”. Después de estos 3 pasos, podremos comprender mejor las complejidades del espacio bajo escrutinio, haciéndolo más abierto a futuras intervenciones. Como ejemplo empírico del método, realizamos una breve investigación en el Parque do Flamengo, un espacio público ubicado en la ciudad de Río de Janeiro (RJ).

Palabras clave: Espacio; Henri Lefebvre; Método regresivo-progresivo.

Introdução

Pensador *globetrotter*. Tradutor, filósofo, sociólogo marxista. Soldado na Argélia, taxista em Paris e combatente da Resistência Francesa durante a Segunda Guerra Mundial. Para além desse pouco óbvio *pool* de adjetivos, Henri Lefebvre destaca-se por uma particularidade outra: é daqueles intelectuais cujo pensamento, mesmo fortemente identificado com seu tempo, o transcende.

Hoje, mais de três décadas após seu desaparecimento físico em 1991, os *insights* lefebvrianos seguem sendo (re) descobertos, (re) discutidos e (re) apropriados por campos de saberes tão díspares quanto a filosofia, a história, a sociologia, o urbanismo e a arquitetura. Também a geografia se debruça sobre suas *démarches*. Interesse justificável. Parcela significativa da produção do intelectual é dedicada à compreensão do espaço, conceito solar da ciência geográfica. E mesmo que mínima fração de sua obra² tenha sido editada no Brasil, também aqui Lefebvre encontra solo acadêmico fértil (MISOCZKY e OLIVEIRA, 2018). Há atualmente grupos geográficos de discussão e pesquisa dedicados ao autor em instituições como USP, UFRN, UFMG e UERJ.

Até os anos 1950 encontramos Lefebvre devotado ao estudo dos espaços rurais, sendo ele mesmo oriundo desse meio. Nasceu em 1901, em Hagetmau, pequeníssima vila no sudoeste da França. Todavia, a partir da década de 1960, suas reflexões migram para as cidades modernas. Meios mais complexos e polifônicos que o campo, mais estimulantes e promissores para um sociólogo que passa a crer no potencial revolucionário dos operários, dos estudantes e intelectuais urbanos. Grupos que podiam se converter em militantes, e, no limite, em guerrilheiros. Posteriormente, o pensador abole tais concepções e defende outra revolução.

Em *Critique de la vie quotidienne I: Introduction* (1947), volume que causa algum alvoroço na intelectualidade francesa (TREBITSCH, 1991, p. 27), Lefebvre afirma que a mudança do *status quo* não virá dos pátios das fábricas, dos sindicatos ou das trincheiras guerrilheiras – a violenta e algo quixotesca “revolução dentro da revolução” de Régis Debray (QUATTROCHI; NAIRN, 1998, p. 169). No lugar de combater e refundar as superestruturas econômicas e políticas, como preconiza o marxismo mais canônico, Lefebvre conclui que as transformações devem se dar no interior das relações sociais. Na dimensão sociocultural e ideológica que nos circunda de forma mais próxima. Uma revolução com a participação de todos os cidadãos, independentemente de suas classes. Revolução íntima e permanente, a ser produzida e reproduzida no dia-a-dia. Mais que abolir a propriedade privada, interessa a Henri Lefebvre abolir a privatização da vida.

Na água quase estagnada da vida cotidiana existem miragens, ondulações fosforescentes. Essas ilusões não ocorrem sem resultados, uma vez que alcançar resultados é sua própria razão de ser. Onde está a verdadeira realidade? Onde se passam as mudanças reais? Nas profundezas misteriosas da vida cotidiana! História, psicologia, e a ciência do homem devem tornar-se um estudo da vida cotidiana³ (LEFEBVRE, 1947, p. 62).

Essa guinada de perspectiva não é um relâmpago em céu azul. Durante toda carreira Lefebvre burila, revisa e às vezes altera razoavelmente suas abordagens e conclusões. Pois, no interior desse repertório teórico-metodológico vasto e elástico, nos concentraremos no método regressivo-progressivo. Vale informar ao leitor que nossa intenção aqui não é outra se não a de apresentar essa

² Remi Hess (1988, pp. 327-345) contabiliza 70 livros e cerca de 177 os artigos (“*principaux articles*”) assinados por Lefebvre. Elden (2016, p. 10), alerta, porém, que qualquer contagem é incerta: durante a ocupação nazista da França (1940-1944), seus livros são proscritos e alguns escritos lefebvrianos são destruídos e nunca reeditados.

³ A tradução é nossa.

metodologia ao leitor. Para isso empreendemos uma pesquisa de gabinete onde buscou-se explicações teóricas, tanto do próprio Henri Lefebvre, quanto de seus comentadores. Entre esses, Cristóvão Fernandes Duarte, Stuart Elden, Benedito Godinho, Remi Hess, José de Souza Martins, Milton Santos, Christian Schmid e Michel Trebitsch. Igualmente recorreremos às palavras de usuários do referido método, como Rodrigo Fernandes, Fraya Frehse e Jean-Paul Sartre.

Estruturalmente, a exposição em tela divide-se em dois seguimentos. No primeiro, abordamos a origem e as características essenciais do método regressivo-progressivo. A seção subsequente investiga seu mecanismo interno, composto por três etapas interdependentes. Como exemplo prático de sua aplicação apresentamos um sucinto estudo geográfico sobre o Parque do Flamengo. Monumental espaço público da capital fluminense.

Desenvolvimento

Método regressivo-progressivo: primeiras noções

Não nos enganemos logo de saída. Qualquer reflexão sobre método regressivo-progressivo encontra, já em sua nascente, um obstáculo notável: não há, por parte do seu autor, uma explicação detalhada de práxis. Henri Lefebvre não é um pensador propriamente didático, que transmita seus métodos de maneira sistematizada. Ou, melhor dizendo, obedece ele a sistematização peculiar de um filósofo de pensamento polimático e escrita *jazzy*. O próprio Lefebvre se confessa um intuitivo, a trabalhar em estado de "improvisação perpétua" (HESS, 1988, p.179) ⁴. Como desenvolve seu biógrafo Remi Hess (1988, p. 180).

Lefebvre possui um método de trabalho bastante irregular, bastante improvisado. Esse método difere do dos filósofos sistemáticos com uma orientação fixa como Kant ou Spinoza. Lefebvre está convencido de que não é mais possível pensar dessa maneira clássica. É o que ele indica na oposição que constrói entre filosofia e metafilosofia. Para Lefebvre, a tarefa do filósofo não é mais integrar o que se apresenta em um sistema, mas, ao contrário, é submeter o pensamento filosófico ao que surge. É um método? Talvez. Lefebvre prefere falar de procedimento⁵.

A exposição de Henri Lefebvre do procedimento regressivo-progressivo é não-manualística. Só básica. A primeira referência do sociólogo ao método está em seu artigo *Perspective de sociologie rurale*, publicado em 1953 no *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Em breve retornaremos a ele. Antes disso, Lefebvre utiliza a metodologia, sem citá-la. É o que observamos em *La Vallée de Campan, études de sociologie rurale* (publicado em 1963, mas redigido entre 1941 e 1952), um estudo da comunidade rural do Vale do Campan, nos Pirineus. Nessa tese, que faculta à Lefebvre o título de doutor em sociologia rural, não encontramos qualquer menção ao método regressivo-progressivo enquanto elemento teórico-metodológico. Mas ele está lá, conduzindo a investigação.

A análise lefebvriana do Vale de Campan se enfronta na "história de uma aldeia dos Pirineus franceses para reencontrar nela persistências revolucionárias e o sentido de confrontos políticos centenários, concepções da vida e da História" (MARTINS, 1996, p. 21). Lefebvre reflete sobre as transformações desse espaço entre os séculos XII e XVIII, quando uma "comunidade agropastoril de fato", mais próxima das leis da natureza, torna-se uma "comunidade de direito". Racionalizada, institucionalizada, formalizada (LEFEBVRE, 2011 [1963]). Para compreender tais processos, Lefebvre

⁴ A tradução é nossa.

⁵ A tradução é nossa.

regressa no tempo, alcançando passados geológicos tremendamente longínquos. Observa as glaciações e os degelos. Os dobramentos milenares, os afloramentos de rochas hercinianas, a formação dos granitos. Os xistos dando origem a “mediócre pastagens” e as calcárias devonianas a esculpir “pradarias magníficas” (LEFEBVRE, 2011 [1963], pp. 112-116). Daí, o pensador avança para a formação da paisagem social, ou seja, a ocupação humana do espaço natural.

Mesmo que a aplicação do método esteja incompleta (Lefebvre não discorre sobre o futuro do Vale de Campan), há aí uma característica especialmente regressivo-progressiva: a abordagem extensa e profunda, que promove um esquadramento global não apenas dos espaços, mas também dos tempos que engendram esses espaços. Tão ou mais revelador que compreender as formas, funções e estruturas espaciais, é desvelar os processos e contextos históricos que as produzem.

Um vislumbre revelador da metodologia vem de Jean Paul-Sartre. Em seu livro *L'Existentialisme* (1946), Henri Lefebvre criticara duramente o existencialismo proposto por Sartre, o que provoca uma grossa troca de farpas entre os dois intelectuais. A despeito desse episódio, Sartre não se furta em utilizar o método lefebvriano no artigo *Questão de Método* (1957), onde procura situar o papel e a posição do existencialismo no âmbito do pensamento marxista. A parte 3 do escrito chama-se, sintomaticamente, “O método progressivo-regressivo” (Sartre aqui inverte os termos). Citando o estudo de Lefebvre sobre o Vale de Campan, Sartre não economiza elogios.

Foi um marxista, entretanto, Henri Lefebvre, que deu um método, na minha opinião, simples e irreprochável para integrar a sociologia e a história na perspectiva da dialética materialista. A passagem merece ser citada integralmente. Lefebvre começa observando que a realidade camponesa se apresenta de início com uma *complexidade horizontal*: trata-se de um grupo humano de posse de técnicas e de uma produtividade agrícola definida, com relação com estas técnicas mesmas, com a estrutura social que determinam e que volta sobre elas para condicioná-las. Este grupo humano, cujos caracteres dependem largamente dos grandes conjuntos nacionais e mundiais (que condicionam por exemplo as especializações na escala nacional), apresenta uma multiplicidade de aspectos que devem ser descritos e fixados (aspectos demográficos, estrutura familiar, habitat, religião etc.).

Mas Lefebvre se apressa em acrescentar que esta complexidade horizontal se duplica de uma “complexidade vertical” ou “histórica”: no mundo rural, com efeito, descobre-se “a coexistência de formações de idade e de datas diferentes”. As duas complexidades “reagem uma sobre a outra”. Ele nota, por exemplo, o fato marcante de que só a história (e não a sociologia empírica e estatística) pode explicar o fato rural americano: o povoamento se operou em terra livre e a ocupação do solo se efetuou a partir das cidades (enquanto a cidade na Europa se desenvolveu em meio camponês).

Explicar-se-á assim o fato de que a cultura camponesa seja propriamente inexistente nos Estados Unidos ou seja uma degradação da cultura urbana. Para estudar, sem aí se perder, uma tal complexidade (ao quadrado) e uma tal reciprocidade de inter-relações, Lefebvre propõe “um método muito simples”, utilizando as técnicas auxiliares e comportando vários momentos.

- a) *Descritivo* – Observação, mas com um olhar informado pela experiência e por uma teoria geral...
- b) *Análítico-regressivo* – Análise da realidade, esforço no sentido de datá-la exatamente...
- c) *Histórico-genético* – Esforço no sentido de reencontrar o presente, mas elucidado, compreendido, explicado.

A este texto tão claro e tão rico, nada temos a acrescentar senão que este método, com sua fase de descrição fenomenológica e seu duplo movimento de regressão depois de progressão, nós o cremos válido – com as modificações que podem impor seus objetos – em *todos os domínios da antropologia*.

É ele, aliás, que aplicaremos, como se verá adiante, às significações, aos próprios indivíduos e às relações concretas entre os indivíduos. Só ele pode ser heurístico; só ele destaca a

originalidade do fato embora permitindo comparações. Resta lamentar que Lefebvre não tenha encontrado imitadores entre os outros intelectuais marxistas (SARTRE, 1973 [1957], p.140, *itálicos do autor*).

Ainda que saudado por sua originalidade, Lefebvre não aceita a paternidade do método. Em suas palavras,

Jean Paul Sartre decidiu em sua *Crítica da razão dialéctica* tomar um dos artigos aqui reproduzidos (dedicado, concreta, ainda que modestamente, às questões campesinas e de sociologia rural) como primeiro modelo (metodológico) de um procedimento “regressivo-progressivo” que integra a sociologia e a história em uma perspectiva dialética.

O texto citado por Jean-Paul Sartre infelizmente é demasiado curto. Data de uma época em que para todas as partes (tanto pelo lado “capitalista” como pelo lado “socialista” e “comunista”) se exercia um terrorismo implacável. Para evitar a pressão, não havia outra alternativa senão prolongar o pensamento de Marx sem citar a fonte.

Procedimento “analítico-regressivo”? É o preceito formulado por Marx quando declara que o homem explica o macaco, e o adulto o menino; que o presente nos permite entender o passado e as sociedades capitalistas anteriores, porque *esmiúça* as categorias essenciais destas. Assim, a renda da terra capitalista nos permite compreender a renda feudal, as rendas do solo na Antiguidade etc. (LEFEBVRE, 1978 [1970], p. 16-17, *itálicos do autor*).

Discordâncias à parte, nesse ponto já podemos destacar do procedimento regressivo-progressivo:

- a) Sua *amplitude*, a contemplar as diferentes extensões temporais vinculadas a um espaço. O método não produz somente a leitura daquele espaço *ou* no passado, *ou* no presente, *ou* no futuro. Ao invés disso, comete uma análise “pendular” (ou melhor, “circular”), que procura desnudar como os espaços foram produzidos e reproduzidos no passado, o são no presente e como provavelmente o serão no futuro (FREHSE, 2001, p.181). Modelo de prospecção que ao se guiar pelo tempo, grandeza em fluir contínuo, mantém o investigador em constante modo de descoberta, a produzir resultados sempre novos;
- b) A *versatilidade* apontada por Sartre, que consagra o método como forma de investigação adaptável a variados domínios das ciências humanas. *Rol*, que, já defendemos, inclui a geografia;
- c) O *entendimento da natureza mutante do espaço*. Para o método supracitado, o espaço não é algo realizado, completo, mas um *processo*. Concepção valiosíssima se desejamos atuar em espaços como as urbes contemporâneas: multifacetadas, contraditórias e em transformação constante.

Úteis como panorama geral, tais propriedades não explicam o funcionamento do método regressivo-progressivo. Para isso, devemos investigar os pressupostos teóricos dos Momentos que o compõem, bem como sua aplicação prática em um estudo de caso.

Os 3 momentos

É entre 1968 e 1974 que Henri Lefebvre publica as 6 obras onde dedica-se mais amiúde à interpretação dos espaços. Também os espaços rurais, mas, sobretudo, os espaços urbanos. São elas: *Le droit à la ville* (1968), *Du rural à l'urbain* (1970), *La révolution urbaine* (1970), *La pensée marxiste et la ville* (1972), *Espace et politique: le droit à la ville II* (1972). *La production de l'espace* é de 1974 e considerado pelo autor como um volume-síntese das meditações anteriores.

Por todos esses escritos, de forma mais ou menos explícita, transpassa-se um princípio forjado em bronze: se pretendemos desvelar a natureza essencial de um espaço e intervirmos em seu presente e seu futuro é necessário retornar à produção desse espaço; datar (examinar) seus elementos constituintes originais e compará-los com as configurações atuais. Deslocamento de

regressão-progressão que se desenrola em três Momentos (*moments*, no original, em francês)⁶: “Descritivo”, “Analítico-regressivo” e “Histórico-genético” (LEFEBVRE, 2001 [1970], p. 73-74).

Momento Descritivo

Momento inicial, de aproximação e inventariamento. É quando o pesquisador, munido de alguma “teoria geral” e um conhecimento mínimo do objeto de estudo – seja este uma comunidade, uma sociedade, uma paisagem, um espaço etc. – identifica e descreve seus elementos estruturantes (LEFEBVRE, 2001[1970], p. 73-74). Nessa visada o “pesquisador procede mais como um etnógrafo”, afinal, “o tempo de cada relação social ainda não está identificado” (MARTINS, 1996, p. 21).

Uma investigação geográfica sobre o Parque do Flamengo (figura1) começa por indicar sua localização, entre as Zonas Sul e Central da capital carioca (figura2), e reconhecer sua complexidade estrutural. Com 1.251.244, 20 m² é o maior parque urbano do mundo à beira-mar, reconhecido em 2012 pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade na categoria “Paisagem Cultural Urbana”. Um conjunto de conjuntos. Conjuntos escultóricos e estatuários, quadras poliesportivas, campos de “pelada”, ciclovia, pista de skate, pistas e aleias para caminhadas, espaço para piqueniques, academias ao ar livre, *playgrounds* infantis, teatro de marionetes, teatro de arena, deck sobre o rio Carioca, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-RJ), a Marina da Glória (conjunto que agrega docas, pavilhão *indoor* e esplanada *outdoor*), o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, a casa de espetáculos Vivo Rio, a Praia do Flamengo, postos de gasolina, estacionamentos, banheiros públicos e passarelas suspensas e subterrâneas.

Figura 1 - Vista parcial do Parque do Flamengo



Fonte: Veja Rio. <https://vejario.abril.com.br/cidade/os-50-anos-do-parque-do-flamengo-em-20-curiosidades/>
Acesso em: 20 jul. 2024

⁶ Nesse texto, grafamos os “Momentos” lefebvrianos iniciados por maiúsculas, para diferenciá-los do substantivo “momento”, que designa um intervalo de tempo.

Figura 2 - Um complexo em quatro bairros: Centro, Botafogo, Glória e Flamengo



Fonte: <http://institutoparquedoflamengo.org>. Acesso em: 03 jan. 2019.

Em termos paisagísticos, o Parque apresenta um *ensemble* não menos superlativo. Quando inaugurado, em 1965, possuía 17 mil árvores, divididas em 240 espécies advindas de diferentes rincões e ecossistemas brasileiros, além de exemplares das Américas, Ásia e África, distribuídas de acordo com suas formas, tons de cores e época de floração (ALECRIM, 2015, p. 34; OLIVEIRA, 2015, p. 69-70). Composição sazonal engenhosa, que permite ambientes com diferentes formas e cores em todas as estações do ano (MOTTA, 2015).

Com essas informações elementares sobre o espaço no presente (espaço-atual), procuramos antevê-lo no futuro (espaço-devir) e depois retornamos ao presente (figura 3). Ação que Lefebvre chama de *transdução*.

A pesquisa concernente a um *objeto virtual*, para defini-lo e realizá-lo a partir de um projeto, já tem um nome. Ao lado dos procedimentos e operações clássicas, a *dedução* e a *indução*, há a *transdução* (reflexão sobre o objeto possível) (LEFEBVRE, 2002 [1970], p.18, *itálicos do autor*).

Figura 3 - Do presente (espaço atual) ao futuro (espaço-devir) e de volta ao presente



Fonte: elaborado pelo autor com base em Lefebvre (2001 [1970], 2011[1963]), Martins (1996), Sartre (1973 [1957]).

Esse sentido de análise ajuda-nos a responder uma pergunta inescapável e não tão óbvia quanto parece: por onde começar o exame geográfico de um espaço? A resposta canônica é buscar entender o presente a partir do passado. Mas, Lefebvre, de forma não-estruturalista e não-determinista (BENEDITO, 2020, p.112), subverte essa convenção e nos faz pensar o hoje não a partir do ontem, mas de um amanhã possível.

O *Momento Descritivo* age, então, em duas frentes:

1) Fornece-nos um ponto de partida para a investigação. O entendimento do espaço se inicia *no presente*, com um conhecimento elementar *do presente* e não do passado. Visualizá-lo no futuro nos força a um olhar mais atento ao espaço *hoje*;

2) Nos “treina” a abordar os espaços como resultados provisórios de dinâmicas que podem ser superadas e/ou manter-se (LEFEBVRE, 2002 [1970], p.33). Convém repetir, monotonamente, didaticamente mesmo: espaços são, antes de tudo, processos.

Todas as tentativas de explicar o espaço subtraíram praticamente o problema chave de sua produção, a grande exceção vinda de H. Lefebvre. O ato de produzir é igualmente o ato de produzir espaço (SANTOS, 2002, pp.201, 202).

No caso do Parque do Flamengo, esse Momento inicial ilumina sua condição de espaço negligenciado por seu principal gestor, o Estado. Ainda que, sob o peso do capital, certos trechos e equipamentos do Parque do Flamengo sejam explorados pela iniciativa privada é o Estado que permite (ou não) e facilita (ou não) essa exploração.

Mesmo após uma revitalização executada entre 1997 e 2000 e uma intervenção pontual em 2022 é esse o cenário que encontramos hoje: árvores sem poda corretiva e árvores decepadas; esculturas e monumentos vandalizados; equipamentos esportivos e de recreação infantil sucateados; coretos abandonados; canteiros minerais tomados pelo mato. Há lixo espalhado por todos os setores do Parque.

Os espelhos d'água em frente ao MAM-RJ seguem com suas águas pútridas. A despeito do policiamento efetuado pela Operação Aterro Presente (braço do projeto Segurança Presente, da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro), a sensação de insegurança no Parque é inegável. Ao meditar sobre o futuro desse espaço, as previsões são preocupantes. Um cenário possível é o da degradação estrutural catastrófica.

Momento Analítico-regressivo

De volta ao presente, empreende-se o segundo Momento (figura 4), que vai do hoje ao ontem e explora a noção de que o espaço-atual ilumina o espaço-passado, dado que o contém. Quase como o Aleph de Jorge Luis Borges (1957, p.161): “uno dos puntos del espacio que contiene todos los puntos (...) lugar donde están, sin confundirse, todos los lugares”. Mais exatamente como reflete Unger (2001, p.13), heideggerianamente: “um rio, por e para ser rio, traz sua fonte em cada fluxo de sua corrente. A fonte está presente em toda passagem de suas águas”.

Figura 4 - Do presente (espaço-atual) ao passado (espaço-passado)



Fonte: elaborado pelo autor com base em Henri Lefebvre (2001 [1970], 2011[1963]), Martins (1996), Sartre (1973 [1957]).

No espaço-atual encontramos incrustadas as relações sociais, os agentes sociais, os contextos socioculturais, políticos e econômicos, assim como os modelos espaciais pregressos que concorreram para sua configuração. Informações que podem, por variados motivos, estarem ocultas ou ocultadas. Seja pela falta de registros, falta de memória ou pela necessidade dos agentes produtores permanecerem na obscuridade. Apenas retornando ao momento da produção *ab ovo* do espaço é que podemos iluminar todas as forças espacializantes envolvidas e analisá-las criticamente, dialeticamente (FERNANDES, 2022).

É o que Lefebvre nomeia como “datação”. Com o adendo que os processos socioespaciais em atividade no passado (espaço-passado) e seus elementos resultantes podem apresentar temporalidades próprias. O que nos leva a diferentes pretéritos dentro do pretérito. Como explica Martins (1996, pp.15,21).

tais relações sociais não são uniformes nem têm a mesma idade. Na realidade coexistem relações sociais que têm datas diferentes e que estão, portanto, numa relação de descompasso e desencontro. Nem todas as relações sociais têm a mesma origem. Todas sobrevivem de diferentes momentos e circunstâncias históricas. (...) cada relação social tem sua idade e sua data, cada elemento da cultura material e espiritual também tem sua data. O que no primeiro momento parecia simultâneo e contemporâneo é descoberto agora como remanescente de época específica.

Ao que concorda Julián Marías (1955, p.52) que entende a sociedade – e por extensão os espaços, que são sempre *espaços sociais*⁷ – como “sujeito plural”.

o verdadeiro sujeito da história é, como vimos, uma sociedade; mas uma sociedade intrinsecamente histórica, isto é, constituído pela presença no “mesmo” tempo de vários tempos diferentes; e a maneira real como isso acontece é a coexistência de várias gerações, ou seja, a contemporaneidade dos não contemporâneos, ligada à existência efetiva da contemporaneidade. Várias gerações coincidentes permaneceriam simplesmente justapostas ou sobrepostas. As gerações estão em movimento: sucedem-se no poder, que passa de uma para outra. Algumas desaparecem e outras emergem no cenário histórico; o drama não é compreensível em um único ato – a rigor trata-se de uma cena⁸

⁷ Ver Lefebvre (2000 [1974]).

⁸ A tradução é nossa.

Seguindo essa lógica, o exame do Parque do Flamengo nos leva a dois grupos de “coordenadas” no passado. O primeiro formado por dois espaços públicos que em aspectos simbólicos e arquitetônicos antecedem o Parque do Flamengo: o Passeio Público e a Avenida Beira-mar.

Edificado em tempos coloniais, 1783, o Passeio Público principia a tradição de espaços cariocas erigidos sobre terrenos antes alagados⁹. Brejos, mangues e trechos da Baía de Guanabara são sufocados por aterros e sobre esses constrói-se praças, ruas, avenidas, e, no caso em pauta, uma área verde com repertório plural de elementos. Rico acervo arbóreo e estatuário, aleias para caminhadas e área para piqueniques. Estruturas que serão retomadas de forma mais grandiosa e sortida quase dois séculos depois, no Parque do Flamengo

Por seu turno, a republicana Avenida Beira-mar surge no bojo da grande reforma urbana do Centro do Rio de Janeiro perpetrada pelo prefeito Francisco Pereira Passos entre 1902 e 1906. Construída sobre parte aterrada da Baía de Guanabara, seu alinhamento costeiro será paralelo àquele onde, seis décadas depois, será plantado o Parque do Flamengo, sendo aquele espaço gabarito desse. Outra premissa liga os dois fixos: ambos alargam a interconexão entre as áreas mais capitalizadas da cidade do Rio de Janeiro – a Zona Central e a Zona Sul – originando um corredor virtuoso para produção, reprodução, transporte e acumulação de capitais (FERNANDES, 2022).

O segundo conjunto de “pontos cardeais” nos conduz a duas aniquilações e a um aterramento. As demolições do Morro do Castelo (iniciada em 1904) e do Morro de Santo Antônio (durante os anos 1950). Ações urbanas que demandam altos custos históricos econômicos, socioculturais e ecológicos.

A fundação *de jure* da urbe carioca, em 1º de março de 1565, se dá na faixa costeira nomeada de Praia Brava, entre os morros do Pão de Açúcar e Cara de Cão, no atual bairro da Urca. Mas a despeito de inegável valor político e simbólico, esse núcleo original é erguido de forma urgente e temporária. É no alto do Morro do Castelo que cai a gota civilizadora que se expande em ondas e torna-se, *de facto*, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Com isso, a destruição desse monte leva consigo um conjunto de edificações pioneiras. A primeira rua, a primeira praça, a primeira catedral, a primeira instituição de ensino, o primeiro horto. Restou algo? Quase nada. Apenas uma ondulação no relevo, percebida por quem trafega pela Rua Primeiro de Março, e pequenina parte da Ladeira da Misericórdia. Rampa que dava acesso às alturas do monte e hoje persiste como relíquia fantasmagórica de sua ausência. Leva ninguém a lugar algum.

A seu tempo, o Morro de Santo Antônio, terreiro da primeira favela do Rio de Janeiro e do Brasil (BARROS, 2014, n.p.), seria também apagado da paisagem. Do acidente geográfico poupou-se somente a parte da colina onde elevam-se altaneiros o Convento de Santo Antônio e a Igreja da Ordem Terceira da Penitência, cujas origens remontam aos primeiros anos do século XVII. Os despojos desses dois montes lançados na Baía de Guanabara dão origem a um descampado de aproximadamente sete quilômetros de extensão. Vai da antiga Praia de Santa Luzia, no Centro, ao Morro da Viúva, no limite dos bairros de Flamengo e Botafogo, Zona Sul da cidade. É o Aterro do Flamengo. Solo onde será erguido o Parque do Flamengo¹⁰.

⁹ A ironia geográfica quis que a cidade-porto mais estratégica de todo o Atlântico, o Rio de Janeiro, ficasse no pior local para se edificar uma cidade (LESSA, 2005, p. 23). Onde morros escarpados dão lugar somente a vales embrejados e lagoas repletas de insetos e jacarés. Em 1500 os corpos d'água ocupavam 235 Km² do território carioca (AMADOR, 2013, p.245). Os manguezais eram ainda mais presentes nesse Rio xucro: 257 km² de lama fedorenta, que hoje sabemos ser biológica e ecologicamente riquíssima. Até 1997 – segundo o levantamento de Elmo Amador (2013, p.245) – 68, 51% dos corpos alagados já haviam sido exterminados por aterramentos.

¹⁰ Mesmo o colossal volume dos escombros dos morros do Castelo e de Santo Antônio não bastaram para a finalização do Aterro do Flamengo. Tal demanda é resolvida com despojos de parte do Morro do Querosene (que vêm abaixo durante fortes temporais em 1962) e de material retirado do fundo da própria Baía de Guanabara pela draga Ster, que trabalhara no

Como vimos, também Lefebvre regride no tempo para compreender o Vale de Campan. Retorna ao próprio *nisus formativus* do Vale, remotíssimo. Regressão obrigatória, dado que a configuração socioespacial da aldeia ali estabelecida foi em parte condicionada à geomorfologia milenar. Há exagero na profundidade desse mergulho temporal? O método em si, não receita limites. Tudo depende do objeto a ser investigado e dos elementos estruturantes que se pretende iluminar.

Momento Histórico-genético

Após a datação dos elementos do espaço-passado, progredimos para o presente (figura 5). É quando confrontamos o ontem com o hoje. Aqui, o investigador deve determinar e descrever as permanências e impermanências, as continuidades e as discontinuidades das relações sociais cotidianas (o micro) e dos processos socioculturais, políticos e econômicos (o macro), que através do tempo concorreram para a produção do espaço-atual (LEFEBVRE, 2001 [1970], p. 70). Convém atentar, porém, que toda discontinuidade surge de uma continuidade. Não há cortes secos. O novo só é novo graças a existência do velho. É um movimento.

Em todos os casos, é sempre sobre o pano de fundo das permanências, isto é, sobre o eixo temporal da continuidade dos processos estudados, que se pode pretender identificar e assinalar as rupturas. Uma não existe sem a outra: dialeticamente unidas, ruptura e permanência constituem um mesmo movimento através do qual se opera a transformação dos processos em curso. Os períodos de transição nos ajudam a clarificar a interdependência estabelecida entre ruptura e permanência. Em tais períodos, experimentamos a sensação de viver em dois mundos simultâneos. Trata-se da transição entre o que já foi e o que ainda não é. Aquilo que se encontra em processo de superação, se opõe e resiste ao novo que se anuncia (DUARTE, 2006, p.27).

Figura 5 - Do passado (espaço-passado) ao presente (espaço-atual)



Fonte: elaborado pelo autor com base em Henri Lefebvre (2001 [1970], 2011[1963]), Martins (1996) e Sartre (1973 [1957]).

Se devemos compreender o *zeitgeist* que participa da produção de determinado espaço, também temos de elucidar as identidades dos agentes sociais, as técnicas e as tecnologias envolvidas nesse processo. Para Frehse (2001, p.181), que em artigo exemplar utiliza o método regressivo-progressivo para elucidar aspectos da urbanização paulistana da virada do século XX, a força do procedimento está justamente na ampla diversidade dos aspectos investigados.

Canal do Panamá. Com ela em operação são bombeados diariamente do leito oceânico 20 mil metros cúbicos de areia utilizável (FERNANDES, 2022).

Outrossim, a aplicação do método regressivo-progressivo a nosso objeto de estudo revela que:

1) O Parque do Flamengo é mais um elo, notável elo, da tradição carioca de eliminar acidentes naturais (lagoas, mangues, brejos e morros) para a criação de solos edificáveis. Nesses chãos reciclados e serão construídos fixos de grandes dimensões (avenidas, praças, parques etc.);

2) A despeito da participação do capital privado na produção do Parque do Flamengo, tal *locus* é uma inscrição concreta e simbólica do poder do Estado no espaço (LEFEBVRE, 2000 [1974], pp. 262-263). Estado que tem à mão largo repertório de poderes. Poderes políticos, informacionais, técnicos, tecnológicos, financeiros, jurídicos e midiáticos que o tornam o sujeito “total” do espaço nas sociedades modernas (LEFEBVRE, 2000 [1974], p. 113).

3) Desde sua inauguração o Parque do Flamengo é alvo de três processos que, se agudizados no futuro, põem em risco sua premissa mais básica: ser um espaço público. De todos, para todos. São eles:

- a) O abandono e a degradação estrutural. Advindas, sobretudo, do descaso do Estado, principal gestor desse fixo;
- b) “Expansões” e “revitalizações” de algumas áreas que se apresentam como benfeitorias, quando, na verdade, desfiguram um espaço tombado e expressamente *non aedificandi*;
- c) A privatização de parcelas do Parque do Flamengo – projetado, construído e tombado como *bem público*. Uma breve caminhada por esse espaço nos coloca em contato com cones, gradis, tapumes e cancelas que impedem o acesso de visitantes a alguns de seus trechos. Disponíveis somente aos que pagam pelo ingresso de um espetáculo ou por um título de sócio da Marina da Glória.

Todos esses fatores, por fim, contribuem para a conformação de um espaço altamente contraditório. Espaço monumental e supervalorizado, mas em franca degradação. Edificado pelo Estado, mas sucateado pela omissão desse Estado. Bem tombado, mas que sofre contínuas modificações. Patrimônio público, mas vedado a todos os públicos.

O presente “elucidado, compreendido: *explicado*” (LEFEBVRE, 2001 [1970], p. 74, *itálico do autor*) proporciona visões extras. O espaço-devir permanece em meia-sombra, mas mapear a gênese e a continuidade de padrões ou a negação dos mesmos o tornam mais aberto a intervenções. De volta, para o futuro (figura 6), troca-se a predição pelo prognóstico.

Figura 6 - Do presente (espaço-atual) ao futuro (espaço-devir)



Fonte: elaborado pelo autor com base em Henri Lefebvre (2001 [1970], 2011[1963]), Martins (1996) e Sartre (1973 [1957]).

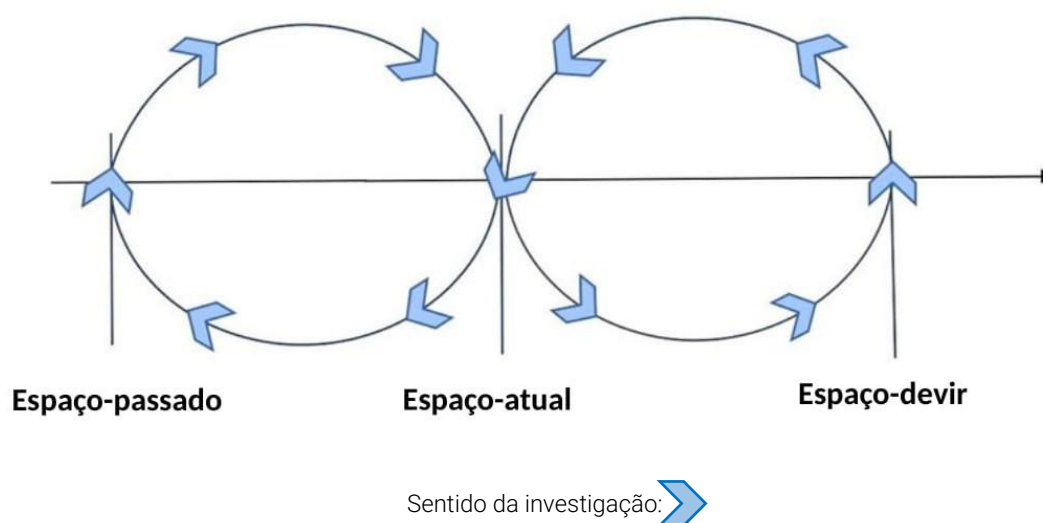
Nesse ponto da investigação depreendemos que caso os processos citados prossigam o que se antevê é um espaço cada vez menos público. Nossa impressão inicial, colhida no primeiro Momento do método, foi de um Parque do Flamengo em estado de abandono e deterioração. A essa

ameaça junta-se outra, revelada no Momento analítico-regressivo: a privatização de trechos do Parque do Flamengo. Situações que se acentuam com o tempo e em futuro próximo podem interligar-se, com o Parque do Flamengo sendo integralmente oferecido à iniciativa privada justamente devido a seu alto grau de degradação.

Ou seja, o Estado assume sua “inépcia” (tradicionalmente traduzida como “falta de recursos”) em manter o gerenciamento e manutenção do Parque do Flamengo e o repassa à iniciativa privada. Essa se compromete em praticar “melhorias” em troca da exploração econômica do espaço. Prática comum em cidades sob o signo do neoliberalismo, no qual espaços tendem a tornar-se mercadorias e os cidadãos consumidores-mais-que-perfeitos (SANTOS, 1987, p. 40). Cidadãos cujos espaços (e os tempos) que lhe foram suprimidos só podem ser restituídos através da compra¹¹ (LEFEBVRE, 2002 [1970], p. 163). Um diagnóstico sombrio, mas que, uma vez detectado, pode ser contestado.

Essa constatação, contudo, não significa, necessariamente, o término da análise espacial. A menos que, óbvio, o estudioso o queira. O procedimento regressivo-progressivo não procura obter a palavra definitiva sobre um objeto, “uma resposta” (FREHSE, 2001, p.181, *itálico da autora*), mas informações e possibilidades de práxis. A própria natureza do método – ao espírito da Lemniscata de Bernoulli (∞) – o mantém em moto-perpétuo (figura 7).

Figura 7 - Visão geral do procedimento regressivo-progressivo: um processo contínuo (∞) de desvelamentos e diagnósticos.



Fonte: elaborado pelo autor com base em Henri Lefebvre (1978 [1970], 2000 [1974]), Martins e Sartre (1973 [1957])

Dada a fragilidade do presente (cujo destino é tornar-se passado), um espaço analisado hoje, pode, em pouquíssimo tempo, apresentar outras perspectivas. O Parque do Flamengo, aqui examinado, logo renderá uma observação geográfica diversa da de hoje. O futuro aproxima-se do presente e em breve será passado. Citando o poeta: não é mais o que era antigamente.

Considerações finais

Mesmo o leitor menos atento há de perceber um termo que se repete com insistência nesse artigo: *processo*. O espaço é um processo, o método regressivo-progressivo é um processo e o

¹¹ Alguns trechos do Parque do Flamengo já operam sob esse regime. Fernandes (2022) oferece uma visada panorâmica sobre o tema.

próprio pensamento lefebvriano é um processo. Um *continuum* de adições, revisões e reelaborações de teorias e métodos. O que explica, ao menos em parte, o fato de Lefebvre não ter investido mais tempo no desenvolvimento e no refino do método aqui investigado. Procedimento sumário, descrito de maneira sucinta.

Isso denota menos um esforço de síntese e mais o desejo de explicar sociedades e espaços de outras maneiras, muitas maneiras, quantas maneiras possíveis. Digna de nota é sua coleção de sistemas investigativos/explicativos baseados em três termos. Além do método aqui exposto, com três Momentos articulados, Lefebvre elabora tríades compostas por “espaço percebido, espaço vivido, espaço concebido”, “forma, estrutura e função”, “espaço, tempo, energia”, entre outras. Mas, apesar de valer-se de uma matriz dialética, o pensador francês não se guia pelas tríades canônicas de Hegel (tese-antítese-síntese) ou de Marx (afirmação-negação-negação da negação). Ao invés disso, oferece

sua própria versão de dialética, “triádica” ou “ternária”, que é uma análise triplamente avaliada. Ela postula três momentos de igual valor que se relacionam entre si por meio de relações variadas e movimentos complexos em que ora um, ora outro, triunfa sobre a negação de um ou de outro (SCHIMD, 2012, p. 96).

Atendo-nos ao método regressivo-progressivo, prospectamos seu alcance, sua versatilidade e sua abordagem global do espaço. Qualidades reconhecidas por intelectuais de vulto como o filósofo-sensação dos anos 1950-1960, Jean-Paul Sartre. Igualmente desnudamos seu funcionamento interno, composto por três Momentos que levam o investigador do espaço a uma sequência de desvelamentos circulares. Ao fim e ao cabo, acreditamos que as informações levantadas com o exame regressivo-progressivo nos tornam mais capazes de, na feroz definição de Sartre (1973 [1957], p.119), “morder o futuro” e atuarmos de maneira mais esclarecida nos espaços. Não temos dúvida de que, sob severa ameaça, nosso estudo de caso, o Parque do Flamengo, necessita de análises críticas com potencial de aplicabilidade desse tipo.

Destarte, reconhecemos que as noções aqui apresentadas sobre o método regressivo-progressivo são introdutórias. Se muito, é possível considerar o texto em grelha como uma iniciação que deve ser estendida e aprofundada. Dentre tantas dúvidas ligadas a um método que é filho do século XX, talvez a mais urgente seja aquela sobre sua eficiência frente a certos espaços contemporâneos.

Como, afinal, fazer valer o procedimento lefebvriano no ciberespaço, onde possível estar simultaneamente em vários espaços (ou espacialidades)?

Ou nas áreas de fronteiras – locais, regionais e nacionais – territórios ao mesmo tempo físicos e virtuais, concretos e simbólicos, muito sólidos e muito permeáveis?

Como aplicar o método nos espaços rurais contemporâneos? Que frente à furiosa globalização reforçam suas identidades regionais – através da valorização da culinária, da música, da moda, da língua e das artes – mas que não abre mão das urbanidades globalizadas?

São esses alguns *loci* que hoje desafiam não apenas o método lefebvriano, mas qualquer sistema de decifração espacial. Onde os próprios entendimentos consagrados de espaço e tempo são relativizados ao limite, o que coloca em alta prova a mestria e a sagacidade dos cientistas do espaço. Pensemos, pois, geógrafos.

Referências

- ALECRIM, Michel (2015). *O Aterro e o sonho de uma cidade*. História Viva. São Paulo, Duetto, n. 135, jan. 2015, pp. 20-24.
- AMADOR, Elmo da Silva (2013). *Baía de Guanabara: ocupação e avaliação ambiental*. Rio de Janeiro: Interciência, 2013.
- BARROS, Paulo César de. *As grandes intervenções na área central do Rio de Janeiro: a geografia histórica do Morro de Santo Antônio sob a ótica dos projetos urbanísticos*. Revista Geo-paisagem (online). Ano 13, nº 25, 2014, n.p.
- BENEDITO, Gustavo Godinho. *A teoria da alienação em Henri Lefebvre e a renovação epistemológica da geografia*. GeoPUC, v. 13, n. 25, 2020.
- BORGES, Jorge Luis (1957). *El Aleph*. Buenos Aires: Emecé, 1957.
- DUARTE, Cristóvão Fernandes (2006). *A dialética entre permanência e ruptura nos processos de transformação do espaço*. In: MACHADO, Denise Barcellos Pinheiro (org.). *Sobre Urbanismo*. Rio de Janeiro: Proureb, 2006, pp. 27-36.
- ELDEN, Stuart (2016). *Introduction: a study of productive tensions*. In: LEFEBVRE, Henri. *Metaphilosophy*. London: Verso, 2016, pp. 7-20.
- FERNANDES, Rodrigo. *Henri Lefebvre, decifrador do espaço*. Ateliê Geográfico, v. 16, n. 2, 2022, pp. 31-46.
- FERNANDES, Rodrigo (2022). *Parque do Flamengo revisitado: uma investigação geográfica através do pensamento de Henri Lefebvre*. 303 f. Tese (Doutorado em Geografia) – UERJ, Rio de Janeiro, 2022.
- FREHSE, Fraya. *Potencialidades do método regressivo-progressivo: pensar a cidade, pensar a história*. Tempo Social, 13(2), 2001, pp. 169-184.
- HESS, Rémi (1988). *Henri Lefebvre et l'aventure du siècle*. Paris: Métailié, 1988.
- LEFEBVRE, Henri (2002). *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2002 [1970].
- LEFEBVRE, Henri (1947). *Critique de la vie quotidienne I: Introduction*. Paris: Grasset, 1947.
- LEFEBVRE, Henri (1978). *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península, 1978 [1970].
- LEFEBVRE, Henri (2001). *Du rural à l'urbain*. Paris: Anthropos, 2001 [1970].
- LEFEBVRE, Henri (2011). *O Vale de Campan: estudo de sociologia rural*. São Paulo: EDUSP, 2011 [1963].
- LEFEBVRE, Henri (2000). *La production de l'espace*. Paris: Anthropos, 2000 [1974].
- LESSA, Carlos (2005). *O Rio de Janeiro de todos os Brasis: uma reflexão em busca da auto-estima*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- MARÍAS, Julián (1955). *La estructura social. Teoría y método*. Madrid: Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1955.
- MARTINS, José de Souza (1996). *As temporalidades da história na dialética de Lefebvre*. In: *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996, pp. 13-23.
- MISOCZKY, Maria Ceci; OLIVEIRA, Clarice. *A cidade e o urbano como espaços do capital e das lutas sociais*. Revista de Administração Pública, 52(6), 2018, pp. 1015-1031.
- MOTTA, Marly (2015). *O IV Centenário e o Parque do Flamengo*. In: *Jardim de memórias: Parque do Flamengo, 50 anos*. Rio de Janeiro: Casa 12, 2015, pp. 57-63.
- OLIVEIRA, Ana Rosa (2015). *Burle Marx e a conquista das formas: as plantas, o lugar, a escala e o projeto*. In: *Jardim de memórias: Parque do Flamengo, 50 anos*. Rio de Janeiro: Casa 12, 2015, pp. 65-71.
- QUATTROCCHI, Angelo; NAIRN, Tom (1998). *O começo do fim: França, Maio de 68*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- SANTOS, Milton (1987). *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.
- SANTOS, Milton (2002). *Por uma geografia nova*. São Paulo: Edusp, 2002.
- SARTRE, Jean-Paul (1973). *Questão de método*. In: *Os Pensadores*, vol. XLV. São Paulo: Abril Cultural, 1973 [1957], pp. 115-197.
- SCHMID, Christian. *A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional*. GEOUSP – Espaço e Tempo, n. 32, 2012, pp. 89-109.

- TREBITSCH, Michel (1991). *Preface*. In: LEFEBVRE, Henri. *Critique of everyday life*. Vol. 1. London: Verso, 1991, pp. 9-28.
- UNGER, Nancy Mangabeira (2001). *Da foz à nascente: o recado do rio*. São Paulo: Unicamp, 2001.